

Insurreição de Sokol (Servia)

A SERVIA

Desde o principio d'este seculo, o imperio ottomano tem visto subtrahirem-se quasi completamente ao seu dominio vastas e importantes provincias. A Grecia, a Roumania e a Servia vieram aggregar-se á grande familia européa, a que a Turquia só parece pertencer pelas relações geographicas. Pouco a pouco tem, na Europa, o crescente cedido o logar á cruz, e o despotismo musulmano recuado, mau grado seu, ante o pendão da liberdade, arvorado pelos povos que um jugo de ferro acurvára durante seculos.

A Roumania e a Grecia tiveram a auxilial-as nos seus patrioticos esforços para conquistarem a liberdade a intervenção de algumas potencias européas; a Servia, porém, póde orgulhar-se de haver ella só por si conquistado a independencia.

Sujeita desde 1459 ao dominio turco, a Servia começou em 1800 essa lucta heroica de muitos annos, terminada por fim, graças ao patriotismo e ao valor de seus filhos, pela libertação do paiz. Foi principalmente á indefessa perseverança do famoso Jorge Petrovitch, cognominado *Czerni*, isto é, o *negro*, que ella deveu a sua liberdade.

Votando aos turcos, desde a infancia, um odio de morte, bem cedo formou elle o projecto de libertar a sua patria.

Collocando-se á frente da insurreição que levantára voz contra o pachá de Widin, Czerni conseguiu em pouco tempo ver repercutir-se em todo o paiz o grito de independencia. Seculos de oppressão não tinham sido capazes de extinguir n'este heroico povo o sentimento da liberdade.

Nem sob o jugo pesado do dominio turco haviam os filhos da Servia olvidado nunca as velhas canções populares que lhes recordavam os feitos memoraveis dos seus antepassados.

Czerni senhoreou-se de Belgrado em 1806, e bateu depois successivamente, em muitos encontros, os exercitos que a Turquia contra elle enviou.

Seguiram-se pequenas tregoas, durante o tempo em que a Turquia hesitou se devia ou não reconhecer a independencia do principado.

Depois de negociações com vario exito, rebentou de novo a guerra em 1813; e com tal impeto caíram sobre a pobre Servia os exercitos de Mahmoud, que todos os esforços foram impotentes para conservar a independencia conquistada.

Czerni soube, é verdade, fazer pagar caras aos musulmanos as victorias alcançadas; mas teve a final de ceder e de refugiar-se na Austria, deixando outra vez algemada a patria a que tanto queria.

A insurreição, porém, estava só apparentemente suffocada. Em 1815 Miloch levantou de novo o grito da revolução, e a Servia correu prompta ao seu chamamento. Os turcos foram obrigados a evacuar o paiz depois de derrotas successivas.

A paz externa trouxe, porém, as discordias civis. A Servia não parecia completamente satisfeita com o homem que se pozera á sua frente, e não era pequeno o numero dos que desadoravam o patriotismo d'aquelle que tinham visto n'outro tempo em trato amigavel com os dominadores. Informado do descontentamento geral que havia contra Miloch, Czerni voltou então do seu desterro; mas o alfange musulmano, ou antes talvez o punhal de algum emissario de Miloch, deu-se pressa em assassinar aquelle que só meditava projectos de independencia, e que não recuaria ante as mais arrojadas emprezas para dar perduravel liberdade ao seu paiz.

Para desenhar o caracter singular do heroe da independencia da Servia, um facto unico servirá melhor do que longas narrações. Czerni mandou matar seu proprio irmão, por ter este attentado contra a honra de uma donzella!

Livre do seu rival, Miloch achou-se mais á vontade para proseguir nos seus planos de ambição. Depois de ter suffocado differentes conspirações e revoltas, algumas das quaes tinham por fim assassinal-o, viu em fim coroados os seus desejos, sendo eleito pela assembléa nacional, reunida em Kragouïevatz em 1827, principe da Servia.

Pelo tratado de Adrianopolis, em 1829, a independencia do principado foi reconhecida, reservando-se a Turquia o direito de conservar guarnições em Belgrado e outras cidades.

Mas a independencia da Servia não estava completa. Muitas provincias que tinham ficado sob o dominio da Turquia suspiravam por gozar tambem da liberdade que fôra conquistada por seus irmãos. A insurreição continuou, pois, a lavrar, e os turcos foram obrigados a ceder em 1830 mais seis districtos, que foram encorporados á Servia.

A intolerancia musulmana, a differença de religião e patriotismo dos filhos da Servia, tinham de antemão disposto por tal fórma as coisas, que a Turquia não pôde evitar os successivos revezes que lhe arrebataram parte do territorio em que até então dominára.

A revolta de Sokol e a resistencia dos turcos á intimação para sairem da cidade foram um d'esses muitos episodios do segundo periodo da gloriosa guerra da independencia da Servia, em que o patriotismo soube sempre superar os maiores obstaculos e inutilisar os planos melhor combinados pelo despotismo musulmano.

Sokol era a capital de um dos districtos, ou *nahias*, em que se dividia a Servia durante o tempo em que esteve sujeita ao imperio ottomano. A sua fortaleza, assentando em um rochedo que topeta com as nuvens, era então considerada inexpugnavel.

Em consequencia dos successivos augmentos de territorio, a Servia comprehende actualmente uma extensão de 40:000 kilometros quadrados e cêrca de um milhão de habitantes, contando n'este numero os estrangeiros e os bohemios.

Desde 1830, este paiz tem notavelmente progredido, graças ao bom acolhimento prestado a todas as idéas civilisadoras, e a todos os inventos e melhoramentos da Europa culta.

O principe Miguel Obrenovitch, ha pouco assassinado, e que succedêra em 1860 a Miloch, seu pae, era muito popular na Servia, e todas as povoações slavas da Turquia tinham posto n'elle as esperanças da sua futura liberdade e regeneração.

Se a Servia está destinada a ser o centro de um novo imperio slavo, realisando assim as aspirações de independencia de algumas provincias ainda sujeitas ao dominio musulmano, não é coisa facil de prever; mas o que é certo é que a Europa não tem visto sem alguma inquietação o afan com que este pequeno estado, seguindo o exemplo das nações civilisadas, vae armando o seu exercito e fornecendo os seus arsenaes, como se se preparasse para alguma proxima lucta.

Registe-se, porém, para honra d'este paiz, que, se as armas lhe merecem attenção especial, as letras não andam descuradas, antes com desvelado amor são alli hoje cultivadas e favorecidas.

Quando os turcos foram expulsos do paiz, quasi ninguem na Servia sabia ler nem escrever. O principe Miloch nem sabia assignar o seu nome. Hoje ha alli trezentas setenta e sete escholas de instrucção primaria, quatro escholas technicas, seis gymnasios, um seminario, e uma academia que comprehende as faculdades de direito, de sciencias e de philosophia.

Um povo que em pouco mais de trinta annos tem feito tanto a favor do derramamento da instrucção, não é muito de suppor que empregue contra a liberdade as espingardas de Chassepot ou os canhões Armstrong, que parecem trazer inquietos ás vezes os politicos das grandes nações européas. T. DE C.

FRUCTOS DE VARIO SABOR

III

AS ROSEIRAS DO AMOR

(Vid. pag. 210)

XIII

AO CAIR DAS FOLHAS

A vida dos dois amantes corria febril e impaciente desde que deixaram de ir regar as roseiras á ermida de Santo André. Pedro amava apaixonadamente a moça; esta julgava corresponder-lhe com o mesmo ardor.

Quando á tarde o joven pescador voltava do mar alto, da pesca do safio ou da pescada, apenas a terra se avistava começava elle a acenar com o barrete para os lados onde suppunha que a donzella andaria a pastorear os gados. Os companheiros motejavam-n'o amigavelmente, dizendo-lhe que endoideceria com aquelles destemperos; que a moça não podia ver de tamanha

distancia nem sequer o barco, quanto mais o barrete.

Mas, como todos estimavam o rapaz pelas suas excellentes qualidades, não iam os gracejos até ao ponto de o offender, o que elle tambem não supportaria, porque era valente e bom jogador de pau.

Maria, que andava quasi sempre com as vaccas, apenas o sol começava a declinar procurava os pastos nas collinas e oiteiros mais visinhos das praias; e, mal via ao longe uma vela, punha de parte a roca que trazia na cintura e acenava com o seu lenço encarnado ao amador distante.

Os campos tornavam-se cada vez mais aridos; a terra ia sempre mudando de aspecto; as plantas começavam a desfallecer; as arvores largavam lentamente, e uma a uma, as folhas amarelladas; o vento léste tinha desapparecido, e o nordeste começava a esfriar a atmosphera. A natureza entrava n'uma das suas transformações — a mais dolorosa de todas — para receber o inverno.

Uma vaga tristeza assaltou o espirito de Maria Palmeiro diante d'esse quadro que se lhe deparava por toda a parte. Pela primeira vez na sua vida olhou com terror em torno de si e avaliou a sua situação. Das sepulturas de seus paes e padrinhos, fechadas havia seis mezes, ergueu-se uma como nuvem que lhe envolveu o coração e lhe arrasava a todos os momentos os olhos de agua: era a saudade. Viu-se só, e a sua esperança toda, que consistia em casar com Pedro, parecia-lhe por vezes bem pouca coisa para affrontar as tristezas da vida. Como atravessaria um longo e aborrecido inverno em casa de seus amos, que a estimavam, é certo, mas que não eram pae nem mãe, para a acarinharem e apertarem contra si quando ás noites o vento furioso sacudisse e abalasse as portas e as casas? Como supportaria o labor dos campos nas manhãs de neve, e as chuvas geladas nos dias de tempestade? Se ao menos tivesse Pedro ao pé de si para a animar... Mas Pedro andava ainda mais exposto nas aguas do mar, em risco de perecer a toda a hora, sem lhe poder ao menos dizer o adeus extremo!

Tristes reflexões lhe inspirava a presença do outono! Só aos domingos é que tinha uns longes da sua antiga alegria, quando ia á Povoa de Varzim aviar as compras semanaes para a familia a quem servia. Pedro acompanhava-a então na ida e na volta, a pretexto de que tambem tinha que ir mercar, e que preferia ouvir a missa na egreja de Nossa Senhora das Dores.

Então conversavam os dois á farta, e faziam mil projectos ácerca do futuro, que, todavia, ainda estava bem longe.

Um domingo, quando vinham a entrar na aldeia, disse o rapaz:

— Ó Maria, nunca mais tornaste a ir ver as roseiras?

— Eu não. E tu?

— Tambem não.

— Vamos lá esta tarde?

— O sr. padre Manuel prohibiu-nos...

— Vou pedir-lhe licença.

— Não t'a dá.

— Aposto que dá!

— Aposto que não!

— E se der, vaes commigo?

— Se der... mas é que não dá, que o sei eu.

— E se der?

— Vou.

— Está dito. Vae já pedir a teus amos, porque ás quatro horas passo por lá.

— Pois sim. Adeus, que é tarde.

Pedro foi direito a casa do padre, que estava jantando, e fez-lhe o seu pedido.

— Homem, eu tenho minhas dúvidas... Sósinho não te pego; vae quando quizeres.

— Por isso é que lhe vim pedir... porque não queremos faltar ao que promettemos.

— N'esse caso, e para lhes mostrar quanto approvo o seu procedimento, irei eu tambem.

Pedro fez uma careta.

— Não gostas, hein? Velhaco!... É assim que reconheces a minha amizade?

— Oh! sou muito seu amigo!... mas...

— Mas dispensas a minha companhia quando tens a de Maria Palmeiro? Bem sei. Não te chega o tempo dos passeios á Povoa para o que tens a dizer-lhe!

— É que...

— Sim, sim; não ponhas mais na carta. Pois dou licença, mas aconselho-te a que não tornes a pôr o braço á roda do pescoço da cachopa, nem tomes outras familiaridades.

— O sr. padre viu?! gaguejou o rapaz rubro de pejo.

— Vi, e se torno a ver quebro-te as costellas.

— Juro-lhe que nunca mais lhe bulo.

— Vão lá com Deus, e vê o que fazes.

— Sou um homem de bem.

— Bem sei; aliás moía-te com pauladas e não te dava aquella joia. Ouviste, meu pateta? aquillo é uma joia!

— Oh! se é!

Pedro saíu a correr, jantou e foi logo buscar a moça, que, não esperando que o padre consentisse no passeio, ficou admiradissima com a apparição do rapaz.

— Então?

— Vamos.

— Pois elle?...

— Consentiu.

— Ora essa! Estás certo do que dizes?

— Jurarei, se quizeres.

— Não é preciso. Como elle é que quer, vamos lá.

— Pois tu não querias?...

— Eu sei! elle tinha-me dito... em fim, vamos.

Partiram.

A tarde estava aspera e o ceo entre nuvens. A noite anterior tinha sido tempestuosa, e o mar andava cavado e batia com impeto furioso nos rochedos.

— Parece-me que tão cedo não se póde ir á pesca, disse o rapaz quando saíam de Avelomar pela estrada da terra. Se não estivesse o tempo assim, iamos pelo areial, que é mais bonito.

— Mas cança mais. Eu não posso andar na areia muito tempo. Se gostares, viremos á volta por lá; e quando eu cançar mettemo-nos outra vez na estrada.

— Pois sim. O vento está a querer saltar para o noroeste; se muda, ficam bem aviados os que vão n'aquelle navio.

— Por quê? Achas que haveria perigo para elles?

— E grande. Com o nordeste lá vão andando afastados da terra e rompendo sempre para o norte, que é, ao que parece, o seu caminho; mas se o vento rondar para o noroeste ou para o oeste, é capaz de atirar com o navio sobre a costa sem lhe dar tempo para se safar.

— Deus se compadeça dos que lá vão, e de todos quantos andam sobre as aguas do mar!

— Amen!

— É verdade; hontem estiveste tu em perigo?

— Apanhou-nos o temporal muito ao largo; mas a Senhora das Neves ouviu-nos a tempo.

— Que susto que eu tive, Pedro!

— Por mim?

— Por ti... e por todos.

Quando chegaram á capella de Santo André, tornaram a ver o navio já muito perto dos rochedos, que defronte mesmo da capella de Santo André são enor-

mes, e entram no mar até grande distancia da praia. O vento tinha effectivamente dado um salto para oeste. Pedro apercebeu-se logo do perigo em que estavam os navegantes, mas calou-se para não assustar a moça, e foi com ella ver as roseiras.

Os arbustosinhos haviam obedecido á lei commum: ambos se tinham despido, e pareciam adormecidos, encostados um ao outro. O que tinha sido dado pelo padre a Maria não tinha nenhuma folha. O de Pedro conservava um olhinho verde e viçoso, e cada vez que o vento os sacudia parecia este querer enroscar-se no outro. Dir-se-hia que era o amante que velava e pretendia amparar a sua amada contra os rigores da estação.

Pedro notou e fez notar á sua companheira esta circunstancia.

— A minha paixão até aqui se mostra, dizia o mancebo; a minha roseira está ainda viçosa, e a tua já não dá signal de vida; a minha quer abraçar-se na tua quando as sacode o vento, e a tua parece fugir-lhe ou recebe com indifferença os testimunhos do meu cuidado! Deus permitta que não sejam estas roseiras as imagens do nosso amor!

A paixão tornava-o eloquente, e inspirava-lhe palavras que lhe permittiam exprimir-se de um modo delicado.

Sem perguntar, porém, a si mesmo d'onde lhe vinham estes talentos inesperados, o rapaz tentava enleiar a sua roseira na de Maria de modo que o vento as não podesse separar.

A moça ria, contente por se saber objecto d'aquelles esforços; e parecia gostar da resistencia que offerecia o seu arbusto.

— Amarra-a, disse ella; verás que não torna a fugir-te.

— Só assim! exclamou o moço aproveitando-se da idéa. Só amarrada te poderei chamar minha!

— E, meio despeitado, meio orgulhoso, arrancou uma fita do collete e atou as roseiras uma á outra.

— Só assim, certamente! lhe tornou a moça. Pois que é o casamento senão uma prisão? O sr. padre Manuel não amarra a gente na egreja?

Pedro ergueu-se mais satisfeito com a comparação.

— Lá isso é assim! Lembras bem, cachopa! Ora faça Santo André com que nós nos amarremos depressa como estas roseiras ficam amarradas.

— O tempo vae-se tornando muito feio! Vamos-nos embora, Pedro, antes que nos apanhe por aqui alguma trovoada.

— Vamos.

— Pelo areial; tu gostas mais do que pelo caminho, onde faz hoje muita lama.

— Não; vamos pela estrada.

— Pois não me tinhas dito?...

— É que se chover... pela estrada é mais abrigado.

— É verdade; e o navio? Já o não vejo!

Para que a donzella não fosse testimunha do perigo que corriam os navegantes, quizera o rapaz evitar a volta pela praia; mas, com a pergunta que ella fez, olhou tambem para o mar e não viu a embarcação. Os rochedos eram muito altos, mas não tanto que podessem encobril-a. Pedro correu afflicto para o areial e Maria seguiu-o.

Apenas se afastaram da ermida e subiram aos primeiros penedos, um espectaculo terrivel lhes feriu cruelmente a vista. A escuna tinha batido n'uma pedra e partira-se instantaneamente pelo meio. A parte da prôa desfez-se logo, caindo os mastros do gurupez e traquete com todo o panno e apparelho. A pôpa conservava-se ainda inteira, com o mastro em cima, a vela grande atravessada ao vento, e uns poucos de homens agarrados aos destroços, que de momento a momento iam desapparecendo. O mar andava cheio de fragmentos de madeiras, vergas, caranguejas, taboas, moitões, cadernaes, pipas, caixas, e homens, que tentavam em vão luctar com as ondas e vencer a distancia que os separava da terra. Essa distancia não era difficil de ganhar para bons nadadores, mas, infelizmente, a costa estava inaccessivel pela braveza das vagas. N'aquelle ponto não ha senão penedias inexpugnaveis, e tudo quanto dellas se aproximava era fatalmente esmagado.

Uma rajada furiosa inclinou o resto do navio sobre a pedra onde estava encalhado, e ao mesmo tempo uma onda enorme cobriu-o todo, embrulhou-o no rolo e fel-o desapparecer.

Por espaço de alguns minutos não se viu mais nada senão a espuma que fervia em torno do rochedo; d'ahi a pouco surdiu um homem nadando na direcção do sitio onde estavam Pedro e Maria. Todos os outros haviam-se sumido para sempre.

Maria Palmeiro cobriu o rosto com as mãos e fugiu espavorida para longe do rochedo.

Pedro gritou ao nadador desconhecido, fazendo porta-voz com a mão:

— Para o sul! para o sul! Por traz d'esses penedos ha um abrigo e uma praia de agua morta!

O naufrago não ouviu, talvez por causa do ruido produzido pelos bramidos do mar e do vento; ou não tinha já forças para seguir o conselho do moço pescador. Continuou a nadar direito ás penedias em cujo vertice estava o rapaz. A morte era infallivel para elle, porque lhe seria impossivel escalar o granito; e, antes que tivesse achado um apoio a que segurar-se, seria esmagado como o tinham sido os seus companheiros.

— Volte para o sul! tornou a gritar-lhe Pedro. Olhe que a primeira onda mata-o contra as pedras!

Era já tão perto, que o nadador respondeu com voz que foi distinctamente ouvida:

— Já não posso; faltam-me as forças!

Maria, ouvindo esta declaração angustiada, subiu novamente, e ao mesmo tempo o seu noivo deixava-se escorregar pela rocha, que o mar e o tempo tinham polido como um espelho, e precipitava-se no abysmo.

A donzella soltou um grito ao vêl-o mergulhar, e ia perder os sentidos e cair, quando se sentiu amparar por traz. Abriu os olhos e reconheceu o padre Manuel.

— Animo, filha! Bravo, rapaz, bravo! Dou-te a minha palavra de que te caso dentro de um mez! Assim! Levanta-lhe mais a cabeça e nada para o sul! Olha uma onda muito grande, Pedro!... Não lhe escapa, e morrem ambos! Ah!... O diacho é o rapaz! Muito bem! Com a fortuna... Aposto que não ha peixe que nade melhor do que elle! Cachopa! Torna em ti; olha que já estão quasi em terra; anda; vamos acudir-lhes.

Desceram e foram correndo para a lingua de areia do lado do sul, onde começa a praia da Aradinha.

(Continúa) F. Gomes de Amorim.

LUXO E MAGNIFICENCIA DA CORTE DEL-REI D. JOÃO V

(Vid. pag. 121)

XII

Viram os nossos leitores, nos capitulos antecedentes, a relação das magnificas funcções feitas á custa do thesouro portuguez no reino e no estrangeiro durante o curso de vinte e dois annos, que tantos se contam desde janeiro de 1707, em que se fez a acclamação del-rei D. João v, até janeiro de 1729, em que se realisou o encontro e visita das duas familias

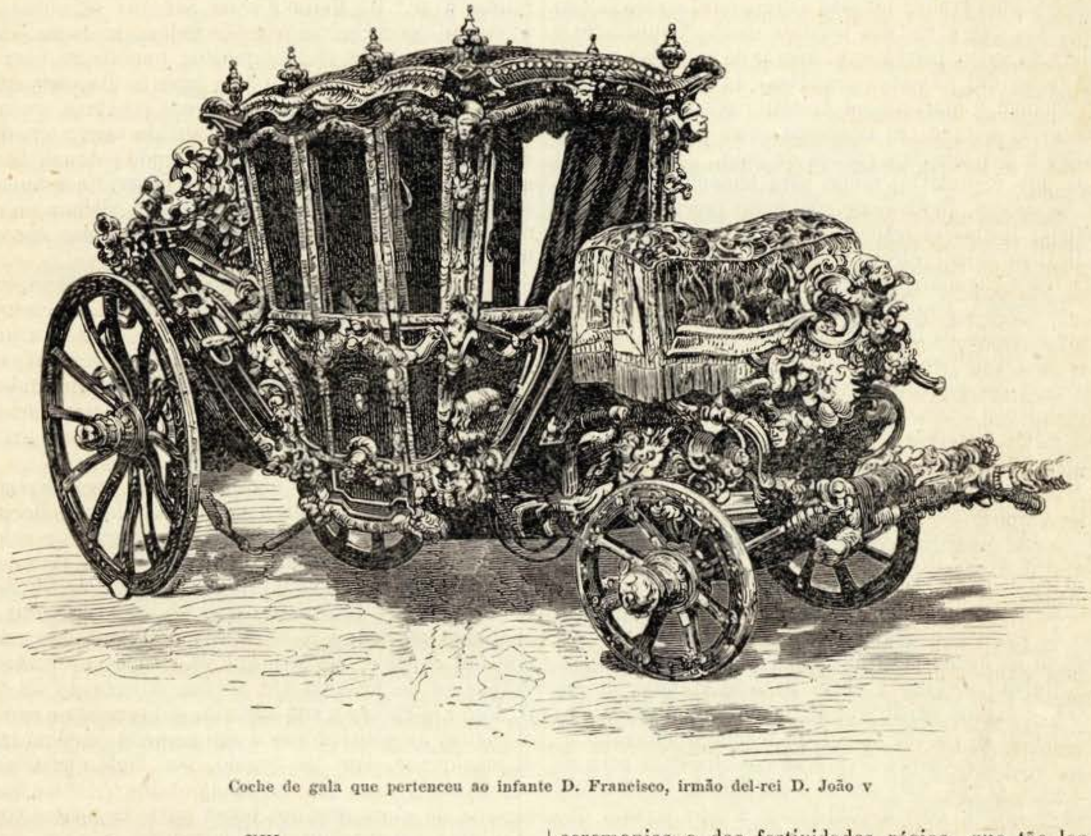
reaes da peninsula sobre o Caia, e se celebraram os consorcios dos principes do Brasil e das Asturias.

Foram essas funcções, não ha dúvida, as maiores e mais custosas solemnidades, propriamente da corte, ordenadas por el-rei D. João v em todo o seu reinado. Porém, para complemento do quadro que nos propozemos a traçar, embora ligeiramente, sería preciso que lhe accrescentassemos uma succinta descripção das sumptuosissimas festas com que o mesmo soberano fez solemnisar o lançamento da primeira pedra nos alicerces da real basilica de Mafra, em 1717, e a sagração d'este templo, em 1730. Sería mister que dessemos ao mesmo tempo uma idéa da organisação da antiga patriarchal, e das preeminencias que para ella obteve el-rei D. João v do summo pontifice, em virtude das quaes o patriarcha de Lisboa celebrava pontifical com tanta grandeza e apparato, que nenhum outro prelado da christandade via o seu solio cercado de tão grandes esplendores e exaltado a tão altas prerogativas, para cada uma das quaes se expediu uma bulla pontificia, paga a peso de oiro.

Era indispensavel tudo isto para que se podesse formar um juizo aproximado do luxo e magnificencia da corte del-rei D. João v.

Todavia, reservaremos para outra occasião descrever as duas pomposas festas de Mafra, e fazer uma abbreviada historia da capella real dos nossos soberanos, elevada por el-rei D. João v ás subidas honras de santa egreja patriarchal.

Agora é tempo de concluirmos este artigo, que já vae bastantemente longo, dizendo alguma coisa das gravuras que o tem acompanhado.



Coche de gala que pertenceu ao infante D. Francisco, irmão del-rei D. João v

XIII

Luiz xiv, rei de França, foi, como todos sabem, o soberano que nos tempos modernos adquiriu maior celebridade pelas pompas de que cercou o seu throno, e pela riqueza, brilho e apurado gosto das festas com que abrilhantava a miude a sua corte.

Esta vida de ostentações e prazeres, e os triumphos das armas da França, que a todo o instante faziám refulgir a coroa de Luiz xiv, tornaram este monarcha alvo da inveja de todos os principes da Europa seus contemporaneos.

Não invejaria, talvez, o engrandecimento da França o soberano que tinha debaixo do seu sceptro, além do pequeno reino de Portugal, tão vastas possessões na America, na Africa, na Asia e na Oceania. Não cubiçaria, certamente, as riquezas de nenhum potentado da terra quem tinha ao seu dispor as opulentas minas de oiro e de diamantes do Brasil. Pouco se importaria da gloria militar quem amava a paz como o maior beneficio que um monarcha póde conceder aos seus subditos. Mas o que D. João v invejava a Luiz xiv era o fausto de seu viver, o luzimento das ceremonias e das festividades régias, que tão longe faziam soar os primores e excellencias da corte franceza.

Seguindo-lhe as pisadas em todas as ostentações da vaidade, el-rei D. João v gastava prodigamente os dinheiros do estado para o egualar, pelo menos, quando não podesse excedel-o na sumptuosidade das construcções, no apparato das solemnidades e na riqueza das equipagens.

Porém debalde se exhauria o thesouro real, porque não havia no paiz, nem se podia comprar com oiro, a vivacidade, o genio folgazão, as graças do espirito, a elegancia dos ademanes, o bom gosto artistico, em fim, todas estas circumstancias e outras mais, que, sendo prendas habituaes da corte de Luiz xiv, davam infinito realce ás festas de Versalhes, de sorte que nenhumas outras se lhes podiam comparar em qualquer paiz da Europa.

Porém no que o soberano de Portugal logrou exceder o de França foi na opulencia do estado com que saía em publico nas grandes solemnidades, tanto em terra como no mar. N'este ponto nenhuma casa real podia competir com a portugueza.

Os coches, mais ou menos ricos, eram em tal quantidade, que, perdendo-se muitos do serviço diario por occasião do terremoto de 1755; levando o principe regente para o Brasil em 1807 quarenta e tantos coches; sendo enviados para o Rio de Janeiro mais alguns depois de 1834, a titulo de partilhas, pelo fallecimento de sua magestade imperial o sr. D. Pedro, duque de Bragança; tendo sido vendidos outros, por se acharem deteriorados, sob o governo da rainha a sr.ª D. Maria II; e achando-se muitos em total ruina nas cocheiras do Calvario, ainda existem trinta e nove nas cocheiras ha pouco reedificadas na calçada da Ajuda.

O estado real de mar correspondia ao de terra na riqueza e numero das galeotas, saveiras e escaleres, como em outro logar demonstrámos [1].

Apesar de haverem concorrido para tamanha destruição e desbarato causas tão poderosas como um terremoto, uma grande invasão estrangeira, e esse sabido desleixo, que é um dos defeitos mais pronunciados e fataes da indole portugueza; apesar de tudo isso, aquelles restos das passadas grandezas da nossa corte surprehendem e maravilham os estrangeiros que os contemplam, porque em nenhuma outra parte tem visto tantos e tão soberbos coches de gala.

O que é, todavia, muito para lamentar é que não se salvassem, juntamente com essas preciosidades, as noticias historicas respectivas a cada uma d'ellas.

Deviam existir escriptas, sem dúvida, na repartição das reaes cavallariças. Não admira, porém, que essas se perdessem, tendo sido destruidos pelo terremoto de 1755 os paços da Ribeira, onde se achava estabelecida aquella repartição. E foi tambem nas cocheiras d'estes paços, e nas do contiguo palacio da Corte Real, onde foram feitos pedaços e reduzidos a cinzas os coches que acima dissemos terem-se perdido por occasião d'aquelle cataclismo.

Mas o que não póde deixar de causar admiração é que, achando-se os coches de gala, n'aquelle infausto anno, nas cocheiras reaes do Calvario, mandadas edificar por el-rei D. João V, e tendo escapado de ruina esse edificio, e por conseguinte ficado incolumes os criados a quem estava confiada a guarda e conservação de todos aquelles objectos valiosissimos [2], se perdessem as memorias tradicionaes; pois que taes criados tinham servido a el-rei D. João V, fallecido em 1750, e alguns existiriam ainda do tempo em que se estrearam os coches mais ricos d'aquelle soberano.

É certo que outras desgraças contribuiram para simílhante perda, taes como a partida da familia real para o Brasil, com a qual foram alguns criados que não voltaram; as nossas revoluções politicas, que afastaram das diversas repartições da casa real muitos servidores antigos, de todas as cathegorias; e, finalmente, o estado de quasi abandono e meio desprezo em que os coches de que tratâmos jazeram nas referidas cocheiras, esquecidos ou ignorados dos proprios habitantes da capital. E, na verdade, não era no longo espaço de tempo, que assim estiveram, de perto de meio seculo, desde o anno de 1807, em que a familia real partiu para o Brasil, até ao de 1845, em que a rainha a sr.ª D. Maria II se lembrou de mandar restaurar alguns d'aquelles coches para servirem na solemnidade do baptisado da sr.ª infanta D. Antonia; não era em taes circunstancias, dizemos, que se podia esperar que se conservassem ou revivessem as memorias tradicionaes, cuja falta deplorâmos. N'estes casos só a concurrencia de visitantes, só o conhecimento e apreço do publico poderiam estimular a curiosidade e diligencia dos empregados da casa real que tinham sob a sua inspecção e guarda tão precioso deposito.

[1] Vid. pag. 65 do vol. X.

[2] No Calvario, em Alcantara e suas visinhanças, causou o terremoto pequenos estragos. O palacio e convento das Necessidades nada padeceram.

E tanta verdade ha no que acabâmos de expor, que, tendo-se facilitado ao publico a entrada nas cocheiras reaes, o augmento progressivo dos visitantes; o apreço e admiração que manifestam á vista de tanta riqueza e primores artisticos; e varios artigos publicados pela imprensa por occasião das festas em que serviram os ditos coches restaurados, excitaram, em fim, aquella curiosidade e diligencia, fazendo tambem com que se olhasse com olhos desvelados pela conservação e boa ordem d'essas magnificas antigualhas.

Reedificaram-se, ha pouco mais de um anno, as cocheiras reaes da calçada da Ajuda, ficando em boas condições de luz e de ventilação, o que inteiramente faltava nas do Calvario; e para alli foram removidos todos os coches que estavam n'este ultimo deposito, exceptuando alguns em completa ruina; e os dezeseis coches restaurados por occasião do mencionado baptisado, e do casamento del-rei o sr. D. Luiz I com a rainha a sr.ª D. Maria Pia de Saboya; os quaes se achavam nas cocheiras reaes de Belem, junto ao Tejo.

Foi um grande melhoramento; importante para a casa real, porque assim poz a bom recato, salvando de destruição certa, mais ou menos proxima, muitos objectos de infinito apreço e de subido valor; e muito importante para a cidade, porque, sendo pobre de bons monumentos de arte, tem alli para mostrar aos numerosos estrangeiros, que diariamente a visitam, uma collecção de coches riquissimos, como se não encontra em outra parte.

Collocando-se então os coches em certa ordem, pozeram em cada um, no panno da almofada do cocheiro, um pequeno letreiro designando o reinado a que pertence, e com a indicação da data do começo d'esse reinado. E a isto se póde dizer que estão reduzidas, geralmente fallando, quasi todas as noticias que ao certo se sabem, se, com effeito, ha certeza em todas aquellas datas.

Entre tantos coches, alguns ha que, por divisas, brazões d'armas ou outros signaes, se lhes conhece a origem; taes como os que trouxeram para este reino as princezas que vieram esposar os reis D. Pedro II, D. João V, D. José I, e o principe D. João, depois rei, 6.º do nome; e bem assim o que o papa Clemente XI enviou de presente a el-rei D. João V. Quanto aos mais que alli existem, desde o que se attribue a el-rei D. Filippe III de Castella até ao fim do reinado del-rei D. José I, é escura a sua historia, são escassas e pouco explicitas as noticias que a seu respeito constam tradicionalmente. Por em quanto, por mais que temos vasculhado, ainda não conseguimos descobrir luz bastantemente clara que nos possa guiar os passos com segurança em tão intrincado labyrintho.

Todas as grandes solemnidades da corte, religiosas e nacionaes, que se celebraram em Portugal no reinado de D. João V, tiveram numerosos chronistas que as descreveram, e a muitas d'ellas com minuciosa individuação. Porém, tratando dos coches reaes, nas funcções em que elles figuraram, limitam-se a enumeral-os, e a encarecer a riqueza dos principaes, em phrases genericas, sem particularisar circunstancias por onde se possam reconhecer.

Não succedeu o mesmo com os coches d'essas sumptuosas embaixadas que el-rei D. João V enviou a differentes soberanos, e de que fallámos a pag. 23 e seguintes.

A magnifica entrada publica e solemne do conde da Ribeira Grande em Paris, no anno de 1715, como embaixador de Portugal, teve nada menos de tres escriptores, dois portuguezes e um francez, que publicaram extensas narrações d'ella, com uma descripção muito miuda de cada um dos coches de que se compunha o prestito. Intitulam-se esses livros: *Relação da entrada publica que fez em Paris o conde da Ribeira*, por Alexandre de Gusmão; *Noticia da embai-*

xada do conde da Ribeira em Paris, por Ignacio Barbosa Machado (irmão do auctor da *Bibiliotheca lusitana*); e *La clef du cabinet des princes de l'Europe*, vol. XXIII.

A famosa embaixada de André de Mello e Castro á corte de Roma ainda ficou mais bem memorada, porque, além da descripção mui circunstanciada em um livro rica e nitidamente impresso em Paris, saiu adornada de gravuras, grandes e excellentes, de todos os coches do embaixador portuguez (*Relação da viagem do embaixador André de Mello e Castro á corte de Roma, por embaixador extraordinario del-rei D. João* V *á santidade de Clemente* XI).

Quem ler essas descripções e examinar com attenção as ditas gravuras, facilmente reconhecerá, visitando as cocheiras reaes da calçada da Ajuda, que nenhum d'aquelles coches se acha n'este deposito.

Tambem nada se encontra, que possa elucidar a questão, nos livros que historiam e descrevem as embaixadas que foram á Allemanha, enviadas pelos reis D. Pedro II e D. João V, para solicitarem para o primeiro d'estes soberanos a mão da princeza D. Maria Sophia de Neoburgo, e para o segundo a mão da archiduqueza D. Maria Anna d'Austria; e que depois as conduziram a Lisboa.

Na falta, portanto, de noticias authenticas, forçoso é recorrer a conjecturas, mais ou menos bem fundamentadas.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

O INSTITUTO DE FRANÇA

As principaes sociedades litterarias, scientificas e artisticas da França são cinco, e comprehendem, ha já bastantes annos, sob o nome collectivo de *instituto*, a academia franceza, a academia das sciencias, a academia das inscripções e bellas letras, a academia das sciencias moraes e politicas e a academia das bellas artes. A séde d'estas varias corporações é em Paris, e no palacio conhecido com o nome do celebre cardeal Mazarino. Daremos ácerca de cada uma resumida noticia.

A *academia franceza* [1] foi creada pelo cardeal Richelieu. Pensava este perspicaz ministro estabelecer em solidos fundamentos o credito e a preponderancia da França ao par de outras nações européas, não só pelas argucias da diplomacia e pelos feitos do exercito, mas tambem pela influencia da lingua e da litteratura; e sabendo que alguns escriptores, á similhança do que já se praticava no tempo de Ronsard, se reuniam regularmente em casa de um d'elles para discutirem assumptos litterarios, lembrou-se de dar existencia legal a esta especie de associação.

Desde o seculo XII que em França havia umas reuniões litterarias, em que se conferiam premios a certos poetas, principalmente aos que compunham poesias á Virgem, como para animar os trovadores. Mas foi só no terceiro quartel do seculo XVI que essas assembléas litterarias adquiriram maior importancia, porque, em 1570, o celebre poeta Pedro de Ronsard, desejando regenerar e enriquecer a lingua franceza, fundou em Paris uma sociedade de escriptores, a que deu a denominação de *academia para o estudo da lingua franceza*, e, segundo consta de memorias escriptas, ainda existia esta sociedade litteraria no anno 1585, em que o mesmo poeta Ronsard se partiu d'este mundo.

Como diziamos, o cardeal Richelieu, achando bom o pensamento, e para satisfação da sua vaidade, que n'este caso não deixou de ser muito util ás letras francezas, quiz, para assim o dizer, continuar a academia de Ronsard.

Com effeito, a 2 de janeiro 1635 a academia franceza recebeu a sua confirmação em carta régia assignada do punho de Luiz XIII.

O primeiro e especial encargo que quizeram dar á academia franceza foi o de depurar e fixar a lingua; mas a primeira edição do diccionario da academia só veiu á luz da publicidade passados trinta e nove annos depois da sua fundação, ou em 1694.

Durante o periodo da revolução, a academia, accusada por seus sentimentos exaggeradamente monarchicos, ou antes mal considerada por ser um centro de aristocracia intellectual, foi supprimida por decreto da Convenção de 1793, e em 1795 encorporada no instituto nacional com a denominação de *classe da lingua e litteratura francezas*. A restauração, porém, deu-lhe novamente a organisação que tinha desde o principio; e as revoluções de julho, de fevereiro e do segundo imperio nada mudaram n'essa organisação. Em 1835 appareceu a sexta edição do diccionario (a ultima até hoje), com uma introducção da penna de Villemain, que é realmente um dos trabalhos notaveis e valiosos de tão insigne e conspicuo litterato.

A academia franceza compõe-se de quarenta membros, a que chamam os *immortaes*. São nomeados por eleição, e os candidatos só vão occupar as cadeiras dos que fallecem depois de terem propriamente solicitado essa honra. Se a eleição os favorece, a confirmação de tal acto pertence ao monarcha. Logo que baixa sanccionada a eleição, é destinado o dia da entrada, o que se faz com solemnidade, e ao novo academico cumpre então ler o elogio do socio seu antecessor na mesma cadeira. Cada membro titular da academia tinha um honorario de 1:500 francos, ou, aproximadamente, 270$000 réis por anno.

Até o segundo quartel do seculo XVII, a academia mandava convidar os homens de letras cujas obras honravam a nação e os auctores, para lhes conferir o titulo de socio; ou recebia os socios quando o rei ou os ministros se lembravam de dar essa honra a algum afilhado ou favorito, que, felizmente para a academia, tinham quasi sempre altas qualidades scientificas ou litterarias, ou, na falta d'estas, muito elevada posição na corte.

Succedeu, porém, que em 1644 ou 1646, tendo apparecido as *Confissões de Santo Agostinho* traduzidas por Arnauld d'Andilly, que á sua capacidade litteraria juntava prendas moraes de subido quilate, os academicos quizeram ao seu lado tão esclarecido varão e offereceram-lhe uma cadeira; mas Arnauld d'Andilly recusou o offerecimento com certo desdem [1]; e isto, considerado acto de irreverencia para com tão alta associação, deu causa a que a academia reformasse o seu regulamento, para que não entrasse d'alli em diante nenhum litterato sem que elle propriamente solicitasse tamanha honra.

Como em geral os litteratos francezes entram para a academia quando estão muito adiantados em annos, e, por consequencia, quasi inhabeis para o trabalho, alguns tem chamado a esta corporação o *hospicio dos invalidos da litteratura*.

E tem razão. Eis a prova: suppondo que n'estes ultimos cinco annos não falleceu nenhum dos 40 aca-

[1] Em um artigo do *Magasin Pittoresque*, de 1833, lê-se, ácerca da fundação do instituto, o seguinte: «A instituição das academias em França data de Carlos Magno. As lições de Pedro de Pisa e a influencia do celebre inglez Alcuino fizeram d'aquelle grande monarcha um amigo das letras: estabeleceu no seu palacio uma academia, de que foi membro, e lançou os primeiros fundamentos da lingua franceza. Um seculo depois de Carlos Magno, a França tornou-se quasi barbara, e com ella todo o Occidente, e foi então que Alfredo, rei de Inglaterra, ao mesmo tempo poeta, musico, guerreiro, sabio e legislador, instituiu a famosa academia de Oxford. Sem fallar das brilhantes academias de Granada e Cordova no tempo dos moiros na Hespanha, nem das que se diffundiram na Italia pelo renascimento das letras, chegaremos á creação da academia franceza, que foi a primeira que se fundou entre as que compõem hoje o instituto.»

[1] Antes de traduzir as *Confissões*, Arnauld d'Andilly retirára-se para Port-Royal. Dizem que quando lhe foram offerecer a cadeira da academia franceza, respondeu com sorriso: «Não temos, porventura, uma academia em Port-Royal?

demicos, achâmos no principio d'este anno (1868) o seguinte quadro das edades dos immortaes:

De mais de 90 annos	....	1
» 80 »	....	6
» 70 »	....	12
» 60 »	....	15
» 50 »	....	4
» 40 »	....	2
		40

O mais velho dos academicos, isto é, o decano, era Viennet, que contava 91 annos; depois seguia-se-lhe o general Ségur com 88; Barante com 86; Dupinainé com 85; o duque de Broglie e Lebrun com 83; Guizot com 81; Villemain, Lamartine e Berryer com 78; etc. Os mais novos eram Augier, o neto do celebre Pigault-Lebrun, que contava 48 annos; e o principe de Broglie, primogenito do duque de Broglie, que contava 47 annos.

Antes de publicarmos os nomes dos illustres litteratos que occupavam as cadeiras da academia franceza em 1864, daremos noticia da origem d'estas cadeiras, celebres na historia litteraria da França.

Conta-se que adoecendo o cardeal d'Estrées, que era assiduo ás sessões da academia, conheceu elle que as cadeiras não offereciam o commodo que os seus achaques e a sua edade exigiam: pediu por isso licença para mandar de casa uma cadeira de braços, que, de certo, pouca differença tinha da que então só usava o director ou presidente da academia. Soube-o Luiz XIV, e vendo que tal distincção, posto só fosse nas cadeiras, podia alimentar invejas entre os academicos, ordenou que se fizessem quarenta cadeiras eguaes, muito commodas, e assim confirmou a egualdade na sala das sessões da academia.

(Continúa) BRITO ARANHA.

PORTUGAL

CURIOSIDADES NATURAES

(Vid. pag. 171)

V

CACHOEIRAS E PESQUEIRA DO TELHADO

No districto de Braga, concelho de Cabeceiras de Basto, ha uma freguezia denominada S. Martinho do Arco de Baulhe, ou Bagulhe. Compõe-se de 241 fogos e de 959 moradores, divididos por differentes aldeias. Estende-se esta freguezia pela raia das provincias do Minho e Traz-os-Montes, de modo que, na antiga demarcação, entrava nos limites de ambas.

Pelo lado do norte cérca as terras d'esta freguezia uma ribeira, que tem o seu nascimento dentro do mesmo concelho de Cabeceiras de Basto. É pobre de aguas, e por sua pobreza nem nome tem. A pouca distancia da sua origem recebe o tributo de outra ribeira, tambem pequena e sem nome. Confluem no sitio chamado Vau. Correndo assim reunidas de norte a sul, e formando uma só ribeira, vae esta dividindo a freguezia do Arco de Baulhe da de Santa Marinha de Pedraça, até que, chegando ao logar do Arco, é atravessada por uma ponte de cantaria, antiga e de um só arco, do qual provém o nome á visinha aldeia.

A ponte dá passagem á estrada que por esta parte communica a provincia do Minho com a de Traz-os-Montes.

A ribeira, engrossando de espaço a espaço em seu caminho com as levadas e arroios que por ambas as margens n'ella se vão lançar, desagua no rio Tamega. Mas pouco antes da sua foz, levando já curso arrebatado e grosso volume de aguas, com que se formam varios açudes e moem muitas azenhas, faz a ribeira, em toda a largura do seu alveo, um salto em duas cachoeiras, precipitando-se a corrente de uma altura de dois metros e meio.

É de si mui formosa esta cascata, pelo effeito lindissimo que produzem aquelles dois lençoes de mui cristallinas aguas, desdobrando-se magestosamente de cima do seu leito de rocha, e caíndo franjados de alvissimas escumas. Mas ainda a fazem mais formosa os verdores de ambas as margens da ribeira; os viçosos prados do valle em que ella corre; a penedia que se ergue sobranceira á cascata; em fim, o pittoresco e risonho da paizagem que por todos os lados a cérca.

Não se despenha n'aquellas cachoeiras toda a agua da ribeira. Uma porção, antes de chegar ao precipicio, mas junto d'elle, escoa-se pelas fendas da rocha, e, correndo em occulto canal por baixo de grandes penedos, vae surgir além, como olho d'agua que alli rebenta. E como se estas perspectivas não bastassem para encanto dos olhos de quem as contempla, outro espectaculo natural alli se offerece, que, dando a todo o quadro singular animação, recreia e enleva sobremaneira as pessoas que o presenceiam. Consiste o espectaculo nos saltos que as trutas dão, vindo do Tamega, para passarem para além das cachoeiras.

As trutas, como os nossos leitores sabem, frequentam de preferencia os rios onde ha cachoeiras, que ellas possam saltar, ora contra, ora a favor da corrente. E n'este sitio, tanto da sua predilecção, dão saltos admiraveis, arremessando-se a tão grande altura, e com tal esforço e precisão, que alcançam galgar a cascata, caíndo na parte superior do rio, e cortando logo por elle acima, a despeito da impetuosidade da corrente, que é sempre mui grande no sitio em que se despenha.

Do Tamega, onde se cria diversidade de peixes, sobem por aquella ribeira muitos barbos, bogas e trutas; d'estas ultimas em tanta quantidade, que, principalmente no estio, nos dias de maior calor, investem a cada instante as cachoeiras, saltando aos pares umas após outras.

Nas occasiões em que mais abundam, concorre gente das visinhanças para gozar d'esta vista curiosa, e tambem para as pescar. Os primeiros sobem a umas penhas, cortadas a prumo sobre as cachoeiras, e de uns nove metros de altura, d'onde se desfructa perfeitamente aquella maravilhosa gymnastica das trutas. Os segundos vão collocar as suas redes de arco em uma pesqueira visinha, que é um bocal formado pelas rochas sobranceiras ao logar onde as trutas saltam com mais frequencia, caíndo muitas facilmente na rede.

Chamam-se as cachoeiras e a pesqueira do Telhado em razão de pertencer a ultima ao senhor da casa denominada do Telhado. I. DE VILHENA BARBOSA.

Dos portuguezes effeminados dizia o bom padre Manuel Bernardes, na sua *Floresta*, o seguinte: «As espadas degeneraram em cotós, e os capacetes se trocaram em perucas: já o pente, em vez de se fincar na barba ensanguentada, se finca publicamente na cabelleira, alvejando com polvilhos. Cheiram os homens a mulheres: não a Marte, mas a Venus. Quem havia de imitar ao grande Albuquerque, prendendo a barba no cinto, se já não ha novas de cintos, nem de barbas? Quem havia de sair aos leões em Africa, se é mais gostoso estar no camarote em Lisboa gracejando com as farçantes, e atirando-lhes já com chistes, já com dobrões? ou como se haviam adestrar em ambas as sellas, andando pelas ruas bamboleando nas seges? Amolleceu-nos a infusão dos costumes estrangeiros, que venerâmos, devendo aborrecel-os: e nós, que estâmos no fim da terra, ficâmos no meio do mar de suas depravações.